| Data: | **17 de outubro de 2024** |
| --- | --- |
| Local: | Windsor Guanabara Hotel - Centro, Rio de Janeiro-RJ |
| Grupo de Trabalho (GT): | Lélia Gonzales |
| Horário de início: | 10h15 |
| Horário de término: | 16h00 |
| Quantidade de presentes: | Altair Lira, Ana Paula Procópio, André Luiz Silva, Heliana Hemetério dos Santos, Italo Ferreira Monteiro, Julio Oliveira, Lara Liz Freire, Lilian Quelen dos Santos Andrade, Liliane Bitencourt, Luís Fernando da Silva e Silva, Maria Cândida Queiroz, Maria da Fé, Marina Rodrigues Costa, Rosa Maria Anacleto, Rosana Marques Lima, Sebastião Filho de Oliveira Possa, Suiane Cota Ferreira,Thiago Ribeiro, Vitória Cristina dos Santos Vinhos |
| Nomes: | Monica Oliveira e Yasmim Viana |

Quais públicos o Observatório deve considerar em diálogo com o princípio da equidade?

A reunião começou com a proposta de considerar a pluralidade e a diversidade ao identificar os públicos com os quais o Observatório deve dialogar, especialmente sob a perspectiva da equidade.

**Identificação de Públicos:** Destacou-se a importância de categorizar os públicos de forma a evitar generalizações, considerando as necessidades específicas de grupos como pessoas com deficiência, autismo e síndromes específicas. Também foi reconhecida a presença das famílias de comunidades vulneráveis que, muitas vezes, têm pouco acesso à informação, especialmente via internet.

**Comunicação e Acessibilidade:** Enfatizou-se a necessidade de reformular as estratégias de comunicação para que informações relevantes cheguem a esses públicos, utilizando canais adequados e compreensíveis. Foi feita uma crítica a formatos tradicionais de observatório, com foco na produção de dados e informações que possam ser utilizados por movimentos sociais e instituições comunitárias.

**Experiências e Aprendizados:** O compartilhamento de experiências de como pessoas negras e grupos minoritários são afetados por questões como bullying e acesso à educação foi enfatizado, com ênfase na visibilidade dessas questões. Discutiu-se também a importância de construir redes de diálogo com instituições já estabelecidas nas comunidades.

**Construção de Dados e Conhecimento:** Foi feita a identificação de lacunas nas informações disponíveis, especialmente em relação a doenças crônicas e suas intersecções com a raça e classe social. Apontou-se a necessidade de um olhar mais atento sobre como os dados são coletados e apresentados, assegurando que reflitam a realidade das populações negras. Propôs-se a criação de um mapa colaborativo para visualizar e trabalhar com as realidades e demandas das populações envolvidas. Além disso, considerou-se a formação de grupos de trabalho que incluam representantes dos diversos públicos discutidos para uma abordagem mais inclusiva e representativa.

Em conclusão, os participantes destacaram a urgência de integrar diferentes vozes e experiências na construção de um Observatório que realmente atenda às necessidades de todos os grupos, especialmente os mais vulneráveis. O foco deve estar não apenas na coleta de dados, mas na comunicação eficaz e no empoderamento das comunidades para que possam se apropriar dessas informações.

**Ações Recomendadas pelos Participantes:**

* Desenvolver uma estratégia de comunicação inclusiva.
* Estabelecer parcerias com movimentos sociais e instituições locais.
* Realizar workshops e treinamentos focados na capacitação de grupos específicos.
* Criar um cronograma para o acompanhamento das ações propostas.

Quais temas o Observatório deve considerar em diálogo com o princípio de equidade?

A discussão girou em torno da necessidade de incluir novos olhares e abordagens no Observatório, especialmente em relação à saúde da população negra. A equidade deve ser um princípio orientador, permitindo a ampliação do diálogo e a escuta de vozes que historicamente foram marginalizadas. Os seguintes tópicos foram pontuados:

**Questões de Saúde:** Os participantes levantaram preocupações sobre as condições de saúde de grupos vulneráveis, como os trabalhadores ambulantes, que frequentemente enfrentam riscos como o câncer de pele. Foi enfatizada a lentidão na evolução de doenças, como as demências, e como a negligência e a falta de apoio impactam diretamente a qualidade de vida dessas populações.

**Acesso e Representatividade:** Mencionou-se o papel dos movimentos sociais, como a união dos movimentos negros no Amapá, que estão promovendo a coleta de dados sobre a saúde da população negra, especialmente após o impacto da COVID-19. Houve um chamado à ação para que o estado e a prefeitura desenvolvam departamentos que ajudem a mapear e entender essas questões.

**Desafios Institucionais:** Foi apontada a dificuldade de comunicação e interação com as secretarias de saúde, além da crítica às políticas públicas que não consideram adequadamente as necessidades específicas da população negra. A falta de um diálogo crítico entre políticas de saúde e as realidades vividas por essas comunidades é uma preocupação central.

**Formação e Sensibilização:** A capacitação dos trabalhadores da saúde foi citada como fundamental para garantir um atendimento que respeite as especificidades culturais e raciais. Também foi feito um apelo por uma formação que possibilite um olhar mais solidário e compreensivo, evitando a perpetuação de práticas discriminatórias no atendimento.

Em conclusão, os participantes concordaram que o Observatório deve atuar proativamente na promoção da equidade, escutando e incorporando as vozes da população negra. É essencial que haja uma intersecção entre as políticas de saúde e a realidade vivida por esses grupos, além de um investimento em formação e sensibilidade cultural para os profissionais de saúde. O fortalecimento dessas ações contribuirá para uma abordagem mais inclusiva e eficaz no enfrentamento das desigualdades em saúde.

Com que frequência o Observatório deve atualizar suas informações?

Os participantes sugerem que a periodicidade de atualização dos dados depende da disponibilidade de novos dados. Se não houver novos dados, não há necessidade imediata de atualização. A necessidade de atualizar os dados é mencionada como algo que deve ser avaliado anualmente. Se, ao analisar o período de um ano, não surgirem novos dados, mantêm-se as informações existentes.

**Periodicidade Anual:** A atualização anual é destacada como uma referência mínima. Mesmo que não haja novos dados, a revisão anual é uma prática recomendada para garantir a pertinência e a atualidade das informações.

**Flexibilidade na Atualização:** Também foi sugerida a possibilidade de atualizações mais frequentes, dependendo da natureza das informações. As atualizações podem ser mensais, bimestrais, semestrais ou em intervalos variados, conforme a necessidade.

**Incorporação de Outras Formas de Atualização:** Além das atualizações regulares, é importante que exista a possibilidade de incorporar novas análises ou veicular informações na forma de notícias ou dados compilados, dependendo da natureza e urgência das informações.

* **Frequência Mínima de Atualização:** Anualmente. Mesmo na ausência de novos dados, uma revisão anual é necessária para garantir que as informações estejam atualizadas e relevantes.
* **Frequência Máxima de Atualização:** Pode variar conforme a necessidade e a disponibilidade de novos dados. Atualizações podem ser feitas em intervalos mais curtos, como mensalmente, bimestralmente ou semestralmente, dependendo da natureza das informações e dos dados disponíveis.
* **Flexibilidade e Adaptação:** Incorporar novas análises e veicular informações na forma de notícias ou dados compilados conforme necessário, permitindo ao observatório responder de forma ágil e precisa às mudanças e novas informações.

Essa abordagem flexível e adaptativa garante que o observatório mantenha suas informações atualizadas e relevantes, atendendo às necessidades de seus usuários e stakeholders.

Como o Observatório pode ser inclusivo, considerando acessibilidade, letramento digital ou falta de acesso à internet?

Dentro dessa questão, discutiu-se amplamente como o Observatório pode ser inclusivo, considerando os desafios da acessibilidade, letramento digital e falta de acesso à internet. A discussão foi rica e multifacetada, abordando desde o design do site até as estratégias de comunicação com diferentes públicos. A seguir, relato as principais ideias e sugestões apresentadas, organizadas de forma a fornecer uma visão abrangente sobre o tema.

**Acessibilidade Digital**

* **Participação Multidisciplinar:** Foi destacado que a inclusão deve começar no processo de design do site. É essencial envolver não apenas os criadores de conteúdo, mas também os designers instrucionais e web designers desde o início. Eles devem estar cientes dos princípios de acessibilidade, garantindo que o site seja intuitivo e navegável para todos os usuários.
* **Ferramentas de Acessibilidade:** O site deve integrar ferramentas para auxiliar usuários com deficiência visual e auditiva, como leitores de tela, audiodescrição e legendas em vídeos. O objetivo é eliminar barreiras e tornar o conteúdo acessível a todos.
* **Simplicidade e Intuitividade:** A crítica aos sites governamentais que são difíceis de navegar serviu como alerta. O Observatório deve garantir que os usuários possam encontrar as informações com facilidade, sem precisar passar por várias etapas desnecessárias.

**Letramento Digital**

* **Tradução de Dados Complexos:** Foi levantado o problema de que muitos usuários, como os da associação de pessoas com doença falciforme, não conseguem interpretar gráficos e dados complexos. O Observatório deve investir em formas de tradução desses dados para formatos mais compreensíveis, como infográficos simplificados e explicações textuais claras. Além disso, talvez não seja necessário criar novas informações, mas sim propagar o que já existe sobre essa temática, levantando o que realmente já foi feito.
* **Diálogo com Associações:** É crucial dialogar com associações de pessoas com deficiência para entender suas necessidades específicas e adaptar os conteúdos de acordo com suas sugestões. Não adianta fazer investimentos não planejados, pois isso pode inviabilizar e desinformar, além de gastar tempo e recursos. A conectividade com as associações promoverá a assertividade desse diálogo.
* **Processo de Validação:** Antes de lançar novos materiais, o Observatório deve validar o conteúdo com grupos representativos do público-alvo. Um exemplo mencionado foi a modificação de um cartaz após feedback dos usuários, garantindo que a comunicação fosse clara e eficaz. Neste cartaz, o texto “Assembleia Popular” tinha o objetivo de atrair pessoas para falarem sobre suas realidades, a fim de levantar dados na Clínica da Família. No entanto, os moradores daquela localidade não entenderam o que a palavra “assembleia” significava, correlacionando-a a algum evento religioso. Após os feedbacks, os responsáveis fizeram mudanças na forma de comunicar aquele programa.

**Acesso à Internet** O acesso à internet deve ser tratado como um direito básico. Muitos usuários, especialmente em áreas remotas, não têm acesso constante à internet ou a dados móveis suficientes para navegar no site do Observatório.

* **Aplicativos e Versões Offline:** Uma proposta é desenvolver um aplicativo que possa ser acessado sem a necessidade de dados móveis. Isso permitiria que pessoas com acesso limitado à internet pudessem utilizar os serviços do Observatório.
* **Meios de Comunicação Alternativos:** Em algumas comunidades, como as quilombolas e ribeirinhas, o rádio ainda é um meio de comunicação prevalente. O Observatório pode explorar a disseminação de informações através do rádio ou outros meios acessíveis localmente.
* **Tradutores de Conhecimento:** Utilizar agentes comunitários de saúde e outros multiplicadores locais como tradutores de conhecimento. Esses agentes podem levar informações do Observatório até as comunidades mais isoladas, adaptando a mensagem conforme necessário.
* **Iniciativas de Letramento em Saúde:** Integrar iniciativas de letramento em saúde, aproveitando pesquisas existentes para adaptar as melhores práticas de comunicação ao público-alvo.

**Estratégias de Comunicação**

* **Multimodalidade:** Adotar uma abordagem multimodal para comunicar a mesma informação em diferentes formatos (gráficos, vídeos animados, podcasts) e alcançar diversos públicos com eficácia.
* **Utilização de Referências Culturais:** Incorporar paradigmas culturais e de coletividade, como os conceitos africanos de Sankofa e a referência a movimentos sociais, para ressoar melhor com o público negro e outras minorias.
* **Articulação com Movimentos Locais:** Colaborar com movimentos sociais e culturais para a disseminação da informação. A exemplo das igrejas evangélicas, que conseguem circular informações de forma eficaz, o Observatório pode aprender e adaptar essas estratégias para atingir seu público-alvo.

A inclusão no Observatório requer uma abordagem multifacetada que vá além das soluções técnicas. É essencial afro-perspectivar, traduzir dados complexos, garantir a acessibilidade e implementar estratégias de comunicação diversificadas. Além disso, o engajamento com a comunidade e a utilização de métodos alternativos de disseminação de informações são cruciais para garantir que todos tenham acesso ao conhecimento produzido pelo Observatório. O objetivo final é criar um espaço acessível, compreensível e útil para todos, independentemente de suas limitações ou contexto socioeconômico.

Quais interlocutores são importantes para o Observatório?

Dentro dessa questão, os participantes do Observatório decidiram que já haviam chegado a essa conclusão e respondido a essa pergunta na questão número 2.

Quais interlocutores o Observatório deve ter cautela em interagir (parcerias e financiamento)?

No contexto das atividades do Observatório, é crucial adotar uma postura criteriosa e cuidadosa ao interagir com potenciais parceiros e financiadores. A principal razão para tal cautela reside no fato de que muitos interlocutores podem possuir interesses que não necessariamente convergem com os objetivos do Observatório, particularmente no que tange à promoção da saúde e ao combate às desigualdades sociais e raciais.

Em primeiro lugar, deve-se estar atento aos gestores institucionais e pesquisadores que, embora possam aparentar interesse no projeto, muitas vezes utilizam dados e informações para fins divergentes, ou mesmo contraditórios, aos princípios defendidos pelo Observatório. Este tipo de comportamento é frequentemente observado entre pesquisadores que se apropriam das fontes de dados fornecidas pelo Observatório para publicar trabalhos e incrementar suas próprias carreiras, sem um compromisso real com a causa.

A prudência deve ser ainda maior em relação à indústria farmacêutica e de ultraprocessados, bem como a planos de saúde. Esses setores frequentemente possuem um histórico de conflitos de interesse, especialmente quando se considera o financiamento de pesquisas. É imperativo questionar as motivações e os valores subjacentes a tais financiamentos, pois a influência dessas entidades pode facilmente comprometer a integridade e a independência das pesquisas conduzidas pelo Observatório.

Além disso, é fundamental observar a procedência dos financiamentos públicos. Embora recursos do governo sejam bem-vindos, eles também vêm acompanhados de burocracias e possíveis pressões políticas que podem tentar direcionar os resultados das pesquisas conforme interesses específicos, muitas vezes alheios à melhoria da saúde pública ou ao combate às desigualdades.

A autonomia do Observatório deve ser um valor inegociável. Para garantir essa autonomia, é essencial que o Observatório possua um regimento interno bem definido, com regulamentos que reforcem seus valores e princípios, assegurando que todas as parcerias e financiamentos estejam alinhados com seus objetivos fundacionais. Este alinhamento é vital para evitar que o Observatório se torne uma ferramenta a serviço de agendas externas que não priorizem a justiça social e a equidade racial.

Em resumo, o Observatório deve ter extrema cautela ao interagir com:

* **Gestores institucionais e pesquisadores** que podem utilizar dados para fins próprios e não compartilhados.
* **Indústrias e empresas** com históricos de conflitos de interesse, como as farmacêuticas e de alimentos ultraprocessados.
* **Financiamentos públicos** que possam vir com pressões e direcionamentos políticos.

A manutenção da autonomia e a adesão rigorosa aos valores e princípios do Observatório são fundamentais para a integridade e a eficácia de suas iniciativas.

Como o observatório pode incluir e compartilhar as contribuições dos grupos sociais envolvidos na saúde da população negra (movimentos sociais, pesquisadores, usuários, gestores, profissionais de saúde)?

Na reunião, discutiu-se a importância de incluir e compartilhar as contribuições de diversos grupos sociais na promoção da saúde da população negra. Os participantes destacaram a relevância de engajar movimentos sociais, pesquisadores, usuários, gestores e profissionais de saúde em um espaço colaborativo.

A conversa começou com a ideia de mapear e compilar as produções de diferentes grupos, sugerindo um "pub" como local de encontro para essas trocas. O conceito de comunidades virtuais foi mencionado como um espaço útil para compartilhamento, assim como a proposta de criar uma "Negropédia", um repositório de informações e estudos relevantes sobre a saúde da população negra, semelhante ao funcionamento de uma enciclopédia online.

Durante a discussão, enfatizou-se a necessidade de um repositório acessível onde dados, teses e boletins pudessem ser armazenados e facilmente encontrados. A ideia de um canal de escuta também emergiu, permitindo que o público apresentasse demandas, sugestões e denúncias organizadas por assunto, o que facilitaria a identificação de informações e necessidades da comunidade.

Outro ponto abordado foi a criação do "Canal Palmares", um espaço dedicado à disseminação de pesquisas e estudos, que poderia incluir lives, podcasts e apresentações de resultados, visando aumentar a visibilidade das produções acadêmicas e suas aplicações práticas na saúde da população negra.

Os participantes também discutiram a importância de construir comunidades de práticas, onde experiências e metodologias pudessem ser trocadas, permitindo que profissionais compartilhassem suas vivências em projetos relacionados à saúde. Além disso, sugeriu-se o desenvolvimento de um programa de rádio comunitária para alcançar uma audiência mais ampla, especialmente em áreas com acesso limitado à televisão, como as regiões Norte e Nordeste do Brasil. A rádio poderia ser uma plataforma eficaz para disseminar informações e promover o diálogo.

Ao longo da conversa, as ideias foram se entrelaçando, com propostas claras sobre como organizar essas iniciativas. Ficou evidente que um espaço colaborativo, como o observatório, poderia integrar todas essas estratégias, permitindo uma articulação eficaz entre os diversos atores envolvidos e fortalecendo a luta pela saúde da população negra. A conclusão destacou que as ações devem ser coordenadas para maximizar o impacto das iniciativas, criando uma rede sólida de apoio e colaboração.

**Estrutura Organizacional**

* **Comitês de Coordenação:** Formar comitês compostos por representantes de cada grupo social envolvido, como pesquisadores, profissionais de saúde e membros de movimentos sociais. Esses comitês seriam responsáveis por planejar e supervisionar as atividades, garantindo que todas as vozes sejam ouvidas.
* **Facilitadores de Comunicação:** Designar facilitadores para mediar as interações entre os diferentes grupos, assegurando que as informações sejam compartilhadas de maneira clara e eficiente.

**Plataformas de Colaboração**

* **Repositório Digital (Negropédia):** Criar uma plataforma online onde todas as pesquisas, teses e dados sobre a saúde da população negra possam ser armazenados. Este repositório teria um sistema de busca eficaz, facilitando o acesso às informações por qualquer usuário.
* **Canal Palmares:** Estabelecer este canal como um hub de comunicação, onde eventos como lives, webinars e podcasts poderiam ser organizados para discutir temas relevantes. Esse espaço também poderia ser utilizado para a divulgação de pesquisas e para o fortalecimento de redes entre os participantes.

**Espaços de Escuta e Participação**

* **Canal de Escuta:** Implementar um canal onde os membros da comunidade possam enviar sugestões, queixas e demandas. Esse canal seria organizado por categorias, permitindo que as informações sejam rapidamente filtradas e analisadas. Relatórios periódicos poderiam ser gerados a partir desses dados, ajudando a identificar tendências e necessidades emergentes.
* **Consulta Pública:** Realizar consultas regulares com a comunidade para coletar feedback sobre as iniciativas em andamento e entender melhor suas necessidades. Essas consultas podem ser feitas por meio de reuniões presenciais ou virtuais.

**Comunidades de Práticas**

* **Workshops e Encontros Regulares:** Organizar eventos onde profissionais e pesquisadores possam compartilhar experiências e boas práticas. Esses encontros poderiam incluir apresentações, discussões em grupo e sessões de brainstorming para desenvolver novas ideias e soluções.
* **Rede de Colaboração:** Incentivar a formação de grupos de trabalho em áreas específicas, como doenças prevalentes na população negra, saúde mental ou acesso a serviços de saúde. Esses grupos poderiam se reunir regularmente para discutir progresso e desafios.

**Avaliação e Aprendizado Contínuo**

* **Métricas de Sucesso:** Definir indicadores claros para medir o sucesso das iniciativas, como o número de participantes nas atividades, a quantidade de dados coletados no repositório e a participação nas consultas públicas.
* **Relatórios de Avaliação:** Produzir relatórios periódicos que analisem os resultados das ações implementadas, permitindo ajustes e melhorias contínuas. Esses relatórios poderiam ser compartilhados com todos os envolvidos, garantindo transparência e responsabilidade.

**Integração com Mídias Comunitárias**

* **Programas de Rádio e Mídia Social:** Expandir a presença do observatório através de programas de rádio comunitários e conteúdos nas redes sociais, que possam atingir uma audiência maior e fomentar o engajamento da comunidade. Essas plataformas poderiam ser usadas para promover eventos, compartilhar informações sobre saúde e coletar feedback.

Essas ações coordenadas e organizadas não apenas promovem uma abordagem integrada para a saúde da população negra, mas também garantem que as vozes de todos os grupos envolvidos sejam respeitadas e consideradas. O fortalecimento da comunicação e colaboração entre esses grupos pode criar um ambiente propício para a troca de conhecimento e experiências, contribuindo para a melhoria das condições de saúde da comunidade.

**Contribuir para potencializar as ações dos movimentos sociais**

A reunião começou com **Sofia**, que se propôs a sintetizar os elementos discutidos anteriormente sobre a potencialização das ações dos movimentos sociais. **Tiago**, logo em seguida, provocou a reflexão sobre como o observatório poderia agir não apenas como um apoio, mas também como um facilitador das iniciativas já existentes, enfatizando a necessidade de não repetir informações, mas sim ampliar o alcance das ações.

Um dos pontos centrais discutidos foi a formação dos movimentos sociais para o acompanhamento e monitoramento das políticas públicas. **Tiago** ressaltou a importância de empoderar os movimentos sociais para que estes atuem como agentes críticos e vigilantes na implementação das diretrizes políticas, uma proposta que foi recebida com entusiasmo. Esse papel de monitoramento poderia incluir a fiscalização da execução de políticas específicas, como as voltadas para a saúde da população negra.

**Altair** destacou a importância de tornar as informações mais acessíveis aos movimentos sociais, permitindo que estes utilizem dados concretos como instrumentos de reivindicação. Ele mencionou a criação de redes entre pesquisadores e movimentos, que poderiam ser utilizadas para compartilhar informações e experiências, criando um ambiente colaborativo e de troca mútua.

**Liz** introduziu a ideia de comunidades de práticas, sugerindo a formação de espaços onde experiências de diferentes setores possam ser compartilhadas. Esse espaço não seria limitado a profissionais da saúde, mas incluiria também membros de movimentos sociais, proporcionando uma plataforma para que cada um relatasse suas vivências e aprendizados. A troca de experiências poderia, assim, gerar soluções adaptadas a realidades locais específicas.

A discussão se aprofundou nos desafios financeiros enfrentados pelos movimentos sociais, especialmente em regiões onde as condições socioeconômicas dificultam a mobilização de pessoas. **Marina** destacou que muitos movimentos, apesar de comprometidos, enfrentam limitações significativas em relação a recursos financeiros, o que impede a participação plena de suas comunidades.

Nesse sentido, surgiu a proposta de que o observatório poderia atuar na divulgação de editais e oportunidades de financiamento, criando um espaço onde informações sobre recursos disponíveis fossem centralizadas. Essa ação poderia incluir a catalogação de editais em diversas áreas, ajudando a evitar que oportunidades fossem perdidas.

A ideia de criar um “conjunto de ferramentas” foi amplamente discutida. Essa proposta envolve a elaboração de materiais que orientem os movimentos sociais sobre como acessar recursos, incluindo manuais práticos sobre procedimentos e documentações necessárias. **André** chamou a atenção para a importância de direcionar as demandas para os canais corretos, evitando que o observatório fosse visto como a solução para todas as questões.

**Suiane** encerrou o encontro destacando a importância de um observatório que não se limite ao âmbito acadêmico. Para que as ações do observatório sejam realmente efetivas, é crucial que ele se torne um espaço inclusivo, onde as vozes dos movimentos sociais sejam ouvidas e integradas ao processo de produção de conhecimento. Ela também enfatizou a necessidade de que o observatório busque informações que não estão facilmente disponíveis, promovendo a organização de dados que possam servir a todos os envolvidos, sejam pesquisadores, profissionais de saúde ou ativistas sociais.

O encontro foi um espaço vibrante de diálogo e reflexão sobre o papel do observatório na potencialização das ações dos movimentos sociais. A diversidade de ideias e experiências compartilhadas mostrou que a colaboração entre diferentes atores é essencial para enfrentar os desafios comuns e construir um futuro mais equitativo e justo. As propostas emergentes, que vão desde a formação de comunidades de práticas até a centralização de informações sobre editais, apontam para caminhos promissores na articulação entre pesquisa e ação social.

1. **Elaboração de um Documento de Propostas:** Criar um documento que sintetize as sugestões discutidas, incluindo a criação de ferramentas e espaços para a troca de informações.
2. **Formação de Grupos de Trabalho:** Estabelecer grupos de trabalho que se concentrem em áreas específicas, como a coleta de dados e a criação de redes de colaboração.
3. **Planejamento de Encontros Futuros:** Programar encontros periódicos para o acompanhamento das ações e o fortalecimento das relações entre os participantes.

### Como inovar em formas de comunicação para alcançar os mais diferentes públicos que atuam com a população negra?

A questão iniciou-se com uma percepção de cansaço entre os participantes, evidenciando que muitas das questões levantadas já haviam sido discutidas exaustivamente. Essa repetição de temas trouxe uma sensação de que as perguntas estavam se tornando fragmentadas, criando um "monstrinho" a partir de uma temática já explorada.

**Sofia** sugeriu que, para avançar, seria essencial sistematizar as discussões em torno das potencialidades e fragilidades do Observatório, um ponto que despertou interesse entre os participantes.

Uma das principais potencialidades mencionadas foi a busca por uma comunicação que não se limite à mera transmissão de dados, mas que seja sugestiva e propositiva. Os participantes enfatizaram a necessidade de um Observatório que atue como um agente ativo de mudança, apresentando informações de maneira que inspire ações concretas e propostas de políticas. Além disso, o uso de novas plataformas de comunicação, como redes sociais e aplicativos, foi sugerido como uma forma de alcançar públicos mais jovens e diversificados, ampliando a visibilidade das questões que afetam a população negra.

As fragilidades emergentes da discussão incluíram o desafio do financiamento. Os participantes reconheceram que a manutenção do Observatório, assim como a implementação de estratégias de comunicação inovadoras, exigirá recursos significativos. A dependência de financiamento externo foi identificada como um risco, especialmente em contextos de instabilidade política, onde cortes orçamentários podem ser comuns. Outro ponto frágil foi a questão da autonomia. Ao ser vinculado a um governo, o Observatório pode perder independência em suas ações e na formulação de políticas, limitando sua capacidade de inovar e se adaptar às demandas da população.

A colaboração com instituições e movimentos sociais foi destacada como uma estratégia essencial para garantir a eficácia da comunicação do Observatório. A construção de parcerias sólidas poderia ajudar não apenas na manutenção do financiamento, mas também na ampliação da rede de apoio e na legitimação das ações do Observatório. O diálogo sobre governança também se fez presente, sugerindo que a inclusão de representantes de diversos setores, incluindo movimentos sociais e pesquisadores, pode enriquecer a tomada de decisões e facilitar a implementação de ações efetivas.

Os participantes sugeriram várias abordagens inovadoras para a comunicação do Observatório:

* **Utilização de Mídias Digitais:** A criação de conteúdos audiovisuais e interativos, como vídeos e podcasts, poderia tornar a informação mais acessível e engajante, especialmente para o público jovem.
* **Campanhas de Sensibilização:** Realizar campanhas que abordem diretamente as necessidades e as lutas da população negra pode criar um sentido de pertencimento e urgência em relação às questões sociais.
* **Feedback e Diálogo Contínuo:** Estabelecer canais de comunicação que permitam o feedback do público-alvo sobre as ações e propostas do Observatório pode garantir que as iniciativas estejam alinhadas às expectativas e necessidades da comunidade.

A questão evidenciou a necessidade urgente de uma comunicação inovadora e eficaz do Observatório, capaz de dialogar com diversos públicos que atuam em prol da população negra. A combinação de potencialidades e fragilidades discutidas ressaltou que, embora existam desafios significativos, há um grande potencial para transformar a forma como as informações são disseminadas e as políticas são propostas.

### Próximos Passos:

* **Elaboração de um Plano de Comunicação:** Criar um plano que inclua as estratégias discutidas, com ênfase em inovações e parcerias.
* **Identificação de Fontes de Financiamento:** Buscar oportunidades de financiamento que garantam a sustentabilidade do Observatório.
* **Fomento a Redes de Colaboração:** Promover a criação de redes que integrem diferentes setores e movimentos sociais, potencializando a ação conjunta.

**FLIPCHART**

1

| PÚBLICOS | | | | |
| --- | --- | --- | --- | --- |
| Pessoas com Patologias | | | | |
| →Agravos prevalecentes na população negra | | | | |
| CATADORES | DOMÉSTICOS | | | |
| Trabalhadores | | | | →Serviços feitos majoritariamente por pessoas pretas |
| MARISQUEIROS | | AMBULANTES | | |
| PRODUÇÃO | | | | |
| ACADEMIA - PESQUISADORES | | | | |
| Negros e Não Negros | | | | |
| GESTORES | | | SINDICATOS | |
| IMPLICADOS | | | | |
| MOVIMENTOS SOCIAIS E USUÁRIOS | | | | |
| Produtores de informações relevantes | | | | |
|  | | |  | |
| MOVIMENTO NEGRO | | | MOVIMENTOS CULTURAIS | |
|  | | | | |
| CONSUMO | | | | |
| TODAS AS PESSOAS INTERESSADAS NA SAÚDE DA POPULAÇÃO NEGRA | | | | |

2

| ESPAÇO DIÁLOGO ATIVO |
| --- |
| Feito por nós para nós |
| PRECISAMOS PENSAR EM TODAS AS FASES DA VIDA |
| ESCUTA ATIVA E QUALIFICADA |

3

| TEMAS |
| --- |
| * SAÚDE DA POPULAÇÃO NEGRA    INTERFACES   E AS INTERFERÊNCIAS |
| * Abertura para criação de novas temáticas |
| * + CUINDANDO DE QUEM CUIDA |
| ALZHEIMER SAÚDE MENTAL |
| * Provocar estudos e ações   não conduzidas pelo ESTADO  PÓS-COVID SÍNDROME DE DOWN PESSOAS AUTISTAS |
| * PROMOVER TRANSVERSALIDADE DA   PNSIPN COM OUTRAS PLÍTICAS  MELHORAR DIÁLOGO |
| * + DESCONHECIMENTO DA POLÍTICA   USUÁRIOS TRABALHADORES DA SAÚDE |

4

F R E Q U Ê N C I A

Diferentes categorias exigem diferentes frequências

* Atualizações em formato de Notícias

dependendo da natureza da informação

* Atualização via dados compilados

dependendo da complexidade da informação

TEMPO MÁXIMO 1 ANO

para qualquer informação

* + mesmo que não haja novo dado precisa de revisão

5

INCLUSÃO

| RESPONSABILIDADE | LETRAMENTO  DIGITAL | FALTA DE ACESSO À  INTERNET |
| --- | --- | --- |
|  |  |  |
|   LETRAMENTO EM SAÚDE   | | |
| * + DESIGN E USABILIDADE   pensar na forma além do conteúdo | | |
| INTUITIVO | | |
| * ACESSO A INTERNET COMO DIREITO   sem consumir dados móveis  outras formas de acesso como rádio  ALTERNATIVAS | | |
| * APARATOS PARA ACESSIBILIDADE   garantir que a comunicação reverbere  DIALOGAR COM ASSOCIAÇÕES | | |
| LINGUAGEM MODULAR DE ACORDO COM PÚBLICO | | |
| * VALIDAR O FOMATO DE COMUNICAÇÃO   REEDITAR A INFORMAÇÃO P/DIVULGAÇÃO | | |
| * TRADUTORES QUE LEVEM A MENSAGEM   O CONHECIMENTO PTRCISA CHEGAR NO CUIDADOR DE SAÚDE PARA  QUE ISSO CHEGUE AOS USUÁRIOS NO PROCESSO DE ATENDIMENTO | | |

6

A NOSSA LINGUAGEM É A MESMA

MAS A COMUNICAÇÃOÉ DIFERENTE

AFROPERSPECTIVAR



| 06 | INTERLOCULATORES | |
| --- | --- | --- |
| e Cautela | | NÃO TEMOS TANTA  OPÇÃO DE ESCOLHER |
| QUEM ESTÁ REALMENTE INTERESSADO  Conflito de Interesses  QUEM PAGA A BANDA ESCOLHE A MÚSICA  QUEM TEM DINHEIRO?  Tem que ter cautela com todo mundo | | |
| VALORES DEFINIDORES PARA  CONSTRUIR PARCERIAS  SETOR PRIVADO  SELECIONAR ATENÇÃO REDOBRADA | | |

7

ESTRATÉGIAS E TOMADA DE DECISÃO

| NÃO | pode deixar de envolver os  M O V I M E N T O S S O C I A I S  **          ** | |  | REVOLUÇÃO NA  SAÚDE DA  POPULAÇÃO  N E G R A ✧✧✧✧ |
| --- | --- | --- | --- | --- |
| LANÇAMENTO ARTICULADO COM CONASS E  CONASEMS PARA GARANTIR CAPILARIDADE  ✰ ✰ ✰ ✰ ✰ ✰ | | |  |
| I N F O R M A Ç Õ E S (ex.: BOLETINS EM TEMPO | | CICLO DE PALESTRAS  OPORTUNO  CONFERÊNCIAS | | |
| RECONHECER QUEM FAZ ☺☺☺☺☺☺  ☹☹☹☹CONSTRANGER QUEM NÃO FAZ | | | | |
| M O V I M E N T O P R O A T I V O EM  RELAÇÃO AOS ESTADOS E MUNICÍPIOS  CONSELHOS COMITÊS TÉCNICOS EXECUTIVO | | | | |
| CARTAS - PROPOSTA - COMPROMISSO  LEGISLATIVO   SELO SAÚDE SEM RACISMO | | | | |

8

INCLUIR E COMPARTILHAR

| Onde eu encontro  o que já produzimos | | | | | | | | |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| NEGROPÉDIA | | | BUSCADOR | | | | | |
| REPOSITÓRIO | | | | | | | | |
|  | | | | | | | | |
| C A N A L DE E S C U T A  Parte abera para participação | | | | | DÚVIDAS  DENÚNCIAS  SUGESTÕES | | | |
| LIVES | | ENTREVISTAS | | PODCAST | | WEBINÁRIO | | RÁDIO |
| C A N A L | | | | | | | | |
| YOUTUBE  INSTAGRAM | P A L M A R E S  OBSERVATÓRIO MULTICANAL | | | | | | TIKTOK  TELEVISÃO | |
| ESPAÇO PARA RELATOS  DE EXPERIÊNCIAS | COMUNIDADES DE  PRÁTICAS  PARA TODOS OS PÚBLICOS | | | | | | REDE SOCIAL PRÓPPRA  TROCA  PARTILHA | |

9

POTENCIALIZAR AÇÕES DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

| Capacitar para Monitorar | | | |
| --- | --- | --- | --- |
| PARCERIAS | | PROCESSOS SELETIVOS | |
| PUBLICIZAR EDITAIS E CHAMENTOS | | | |
|  | | OPORTUNIDADES | |
| DEMONSTRAR AS AUSÊNCIAS | | | |
| CAIXA DE FERRAMENTAS | | | |
| FACILITADORAS | | | |
| MANUAIS | TOOLKIT | | LINHA DO TEMPO |
| MAPEAR E DIVULGAR BOAS PRÁTICAS | | | |

10

POTENCIALIDADES E FRAGILIDADES

| ESTAMOS PENSANDO UM  OSERVATÓRIO DIFERENTE  E INOVADOR | | | FINANCIAMENTO  manutenção |
| --- | --- | --- | --- |
|  | AUTONOMIA RELATIVA | | |
| GOVERNANÇA | | | |
| FORTALECIMENTO DAS CONQUISTAS | | | |
| CONSTRUÇÃO COLETIVA  DE REDES | | INOVAÇÃO | |
| PRODUÇÃO DE MEMÓRIAS | | | |